

De pé: Sylvio Rabello e Anibal Fernandes
Sentados: Gilberto Freyre e Olívio Montenegro

CDU 869.0 (81) Freyre 7.07 Retalhos de Jornais Velhos

RETALHOS DE JORNAIS VELHOS

José Augusto Guerra

Artigo publicado no *Correio Braziliense* de 21 de dezembro de 1968, Caderno Cultural, p. 4. O autor nasceu em Alagoas em 1926. Professor de Redação de Jornalismo no Departamento de Comunicação da Universidade de Brasília, estreou em 1974 com o livro de ensaios *Testemunhos de crítica*, a que se seguiu *Caminhos e descaminhos da crítica* (1980).

A quem se ocupa em delimitar as fronteiras entre a expressão jornalística e a de outros gêneros literários entre a linguagem do repórter ou mesmo de cronistas do quotidiano e a do escritor que transfigura a realidade, sugiro a leitura de artigos de jornal de quem já aos dezoito e aos vinte anos trazia quase nítida a feição estilística da maturidade. Não me refiro às páginas de jornal de Eça de Queirós. Nem ao que deixou Machado de Assis em suas crônicas — o essencial para mostrar que o criador de Brás Cubas não fechou os olhos ao presente, mas soube mantê-los bem abertos, bem vivos à realidade brasileira. Refiro-me aos *Retalhos de Jornais Velhos*, de Gilberto Freyre.

A releitura desses artigos vale por uma lição de jornalismo em cada página escrita nos idos da década de 20, algumas um pouco antes: a sóbria lição de quem, em traços leves e rápidos, num estilo ágil que certamente diferia e muito da linguagem rotunda da época — linguagem que se encontra ainda em muito publicista e em muito editorial de jornais paulistas e cariocas — observava, comentava, analisava e transmitia com o vigor de quem embora muito jovem, sabia o que dizia. E principalmente não esquecia o que de mais importante existe no jornalismo, este personagem nem sempre lembrado da fina arte de comunicação gráfica — o leitor.

Na prosa de Gilberto Freyre essa arte de ser claro na expressão é essencialmente jornalística. Não importa o tema. Importa a expressão: a palavra que alcança o leitor. E nesse dom de transmitir, nos retalhos de jornais do

Diario de Pernambuco, do *Jornal do Rio,* d' *A Província* do Recife, da *Revista do Brasil* de São Paulo e do *El Estudiante Latino-Americano* de Nova Iorque percebe-se a arte de Gilberto Freyre, então estudante da Universidade de Colúmbia, já preocupado com os temas que representam hoje essa obra para a qual não é fácil encontrar um adjetivo, embora não vacile em considerá-la, sob vários aspectos, monumental. E vale a pena que sobre isto se medite: exatamente os artigos de jornal, amarelecidos, esfarelados, alguns desaparecidos definitivamente, muitos vestidos de novo e tomando a forma de livro, fazem parte dos alicerces da obra gilbertiana.

E onde está o segredo de sua intemporalidade? Uma intemporalidade na sua maneira de existir e de continuar? De significar hoje cada vez mais do que ontem? E de permanecer não só em seus conceitos, mas em sua forma interior, confirmando-se à medida que se deixa examinar pelos analistas e intérpretes da arte de comunicar?

Artigos escritos, o mais antigo há cinqüenta e o mais recente há quarenta anos, ressumam atualidade. Atuais ainda no seu modo gilbertiano de transmitir. E tomar um deles, sem distinção de assunto, e perceber como o passo, a cadência, a objetividade, a leveza, a segurança, o bom gosto, o desenho, a cor, e o retrato, tudo se ajusta ao tema, e cresce e se transmite com a objetividade de quem, mais do que escrever, gostaria provavelmente de pintar. Em vez das palavras, nem sempre plásticas, as cores. No lugar do colorido da expressão, que por vezes entreva e torna baça e insuficiente a imagem, as cores — o negro dos negros retintos, o azul dos mantos das Nossas Senhoras, o vermelho das pitangas, o verde do mar nem sempre verde mas quase sempre morno de Boa Viagem e Olinda, e dos canaviais.

Não só esta festa de cores no estilo ágil de cronista que tratasse de Einstein, do poeta Yeats, do satanismo de Gide e de Shaw, de Tagore do cardeal Gibbons, não descambava para a fofa erudição, mas permanecia no que importava fixar: o dizer com brevidade e segurança, sem titubeios, sem retóricas, dessas que fazem perder o fôlego quando se lê em voz alta e se procura em vão um ponto-e-vírgula ou um ponto-final. Ainda que as cores não se tornem necessárias, é no traço ágil, semelhante a um bico-de-pena, que mais de um nome famoso se transforma em personagem que se identifica com os pobres mortais que somos todos nós. E aqui está outra lição de jornalismo cada vez mais válida: o corte certo de quem, no correr da narrativa, detinha-se para descrever.

Como seria esse poeta William Butler Yeats, Prêmio Nobel de 1923? Escreveu Gilberto Freyre: "Parece que o estou vendo: alto e muito branco, as mãos compridas, o cabelo prateado, uns olhos cismadores, por trás de umas lunetas de pedagogo. E os dedos finos a brincarem com a fita de seda preta das lunetas". Mais — e aqui recorre o escritor à memória auditiva — esta observação de repórter: "Parece que o estou ouvindo falar: de Dublin, de Wilde, de Lionel Johnson — um grande místico católico e grande intelectual das camarada-

gens da Young Ireland, que bebia muito e mentia como um desadorado. Um inglês, o de Yeats, com um sonoro sotaque irlandês. E uma voz de moça, que parecia sempre ir sumir-se" (págs. 7 e 8).

E Tagore? A primeira visão uma cena de contrastes. Com a objetividade de quem sabe ver, Gilberto Freyre fixa o essencial e consegue tornar intacto, inalterado, o que viu e fixou na retina e não pode mais esquecer. "Logo ao entrar na sala, saltou-me aos olhos, dentro da onda escura dos paletós, a mancha colorida de uma túnica sobre a qual escorria, em flocos, a inculta barba mosaica do poeta. Mestre Rabindranath Tagore fitava o chão como recolhido em prece, afundado numa poltrona" (pag. 89).

Observe-se a escolha das palavras em que os contrastes compõem o descritivo. Simples análise estilística permite observar na técnica do então muito jovem jornalista de vinte e um anos, a precisão descritiva, técnica que mais tarde alcançaria expressão épica nos enormes murais que se encontram em *Casa-Grande & Senzala* e *Nordeste*. No trecho citado — e há muitos e muitos outros com igual ritmo e estrutura frásica — explora a técnica da visualização, primeira qualidade do repórter, despertando no leitor o contraste do claro-escuro, numa dicotomia cromática que se funde com traços psicológicos, como que descrevendo a ausência oriental de Tagore naquele ambiente de rumorosos paletós escuros, ocidentais: "E fitava o chão como recolhido em prece, afundado numa poltrona".

Mas o jovem escritor tem olhos para ver. Dentro da linha de visualização, como repórter atento, passa a observar o que aparentemente nada tem a ver com a presença de Tagore, mas exatamente o objetivo é ressaltar os planos opostos do instante que registrava. E continua: "Sentei-me junto à janela. Olhei Nova Iorque. Vibrava de vida. Madison Avenue era toda movimento, violência, lufa-lufa. Acotovelava-se a gente cosmopolita, na ganância de passar primeiro. Rodavam autos, vitórias, caminhões. Chegava até nós, atenuado, dulcificado pela distância, o z-z-z-z de feira de rua. Teria Tagore razão em dizer que a vida ocidental tem degenerado em vida mecânica?" O cronista volta a olhar a sala. E começa o parágrafo seguinte com uma frase curta, semelhante a um "flash" cinematográfico: "O escritor do "Gitanjali" levantou-se para falar" (pág. 89).

É possível que a descrição se tenha tornado, para muitos escritores, uma arte incolor e bastarda. Devido ao cinema, ao rádio, à televisão à própria fotografia a que se junta um texto-legenda, isso de descrever é secundário. Esquecem esses escritores — romancistas que se fecham no denso universo psicológico ou se enredam no emaranhado das idéias, repórteres que confiam nas dezenas de fotos — que as palavras possuem vida própria, a vida dos cinco sentidos. Considera-se talvez dispensável descrever alguém que se entrevista. Mas serão suficientes a fotografia e mesmo os dois minutos do telejornal sobre o mesmo episódio, para mostrar aspectos que vão além desses dois minutos e nos revelam a personalidade que está diante de nós e que resiste em descobrir-se ao "flash" e

às câmaras? A presença de uma máquina fotográfica, de um microfone ou de um gravador é suficiente para que nosso entrevistado se torne tenso e perca a naturalidade dos gestos e das palavras. Tensão instintiva de defesa, sob muitos ângulos compreensível. Tensão que relaxa, mal o fotógrafo vai embora e desliga-se o gravador. E, no lugar da tensão, a expressão natural, o suspiro de alívio. Pois exatamente para a expressão do que é natural, para visualizar as cenas que as câmeras fotográficas e de cinema não registram. é que deve estar atento, vivo e ágil o olho do repórter. E de que maneira terá ele condições de trabalhar, senão dominando a técnica de observar e de descrever? Em vez das máquinas de imagem e de som, a arte do escritor.

Ora, essa técnica de visualizar, o escritor Gilberto Freyre já a dominava aos vinte, vinte e poucos anos. A objetividade e o ritmo que tornam seu estilo um dos mais plásticos e expressivos entre os escritores de língua portuguesa, encontram-se nos *Retalhos de Jornais Velhos*. O que mais uma vez dá razão a Renan, citado por Joaquim Nabuco: ninguém escreve senão com a euritmia dos vinte e um anos. Ao que acrescenta o autor de *Minha Formação:* "O que se faz mais tarde na madureza é tomar somente o melhor do que se produz, desprezar o restante, cortar as porções fracas, as repetições, tudo o que desafina ou que sobra: a cadência do período, a forma da frase ficará, porém, sempre a mesma".

Nos *Retalhos de Jornais Velhos* já se adivinha não só o ensaísta de *Perfil de Euclides e Outros Perfis* ou o analista de *Ordem e Progresso,* mas o articulista de hoje, o jornalista, vigoroso sempre, irônico quando necessário ser irônico, mordaz e ágil como quem esgrima e na hora exata conclui com a expressão incisiva. E principalmente o observador de nossa realidade: vendo-a, analisando-a, não só com olhos aguçados de repórter, mas com a sensibilidade de antropólogo e sociólogo que sabe investigar e deduzir. Pois esta perspectiva de compreender o passado e procurar antever o futuro está em toda a obra gilbertiana, mesmo nesses artigos de jornais velhos, escritos na juventude. Artigos de jovem estudante que também em sua época protestava e derrubava mitos; mas renovava, abria caminhos e construía com seriedade e lucidez. Lucidez e seriedade dos vinte e poucos anos, tão escassas em alguns jovens de nosso tempo, para quem está parecendo que importante mesmo é o ato fácil e insensato de destruir.